RESISTÊNCIA CLANDESTINA

NR // 2053

ARQUIVO LIBERADO · ANTES DOS DEMAIS

OS OLHOS DO BESOURO

Dois capítulos inéditos da sequência de *Que insetos são esses*



INÉDITO

>> TRANSMISSÃO INTERCEPTADA
>> USUÁRIO: LEITOR_AUTORIZADO

RIOTOPIA

PAULO MACCEDO

NOTA DO AUTOR

ACESSO ANTECIPADO

O que você vai ler a seguir é um pequeno presente — e também uma porta deixada entreaberta para o que vem depois. São dois capítulos inéditos uma sequência de Que insetos são esses *que já está sendo escrita e que ampliará o universo de Riotopia, levando o leitor a lugares que a primeira obra apenas permitiu entrever. Ainda há muito sendo construído, personagens encontrando seus caminhos e segredos que prefiro guardar por enquanto. Mas, já que você chegou até aqui, achei justo permitir que atravessasse essa porta antes dos demais. Receba estas páginas como um presente meu — e como o primeiro vislumbre da próxima história da nossa distopia gambiológica.*

CAPÍTULO 01 / 02 ARQUIVO LIBERADO

01

ENTOMOFOBIA

Todos os homens têm medo. Da morte ou do que pode acontecer antes dela. Doença, dor, fome, violência. Perder os filhos, o trabalho, a casa, o dinheiro. Envelhecer, ser esquecido, ter a vida desperdiçada.

Há os que têm medo do escuro e os que temem aquilo que o escuro permite imaginar. Medo de outros homens, de feras, multidões, governos, guerras. De Deus; de não haver Deus. Daquilo que conhecem e, quase sempre mais, do que desconhecem.

Alguns medos atravessam os tempos e as civilizações. Outros nascem de uma tarde na infância, de uma porta que se fecha, de um grito ouvido no quarto ao lado, de algo que apareceu quando ninguém mais estava vendo.

Há medos dos quais um homem se envergonha: altura, sangue, agulhas, lugares fechados, dormir.

Há os que têm medo de insetos — a isso dá-se o nome de entomofobia. Vermes, abelhas, moscas, aranhas... e besouros.

Ernesto temia todos esses, sobretudo, o último. Aos sessenta e três, já havia mandado muitos homens para a prisão, e decidido, diante de uma mesa, o destino de pessoas cujos nomes jamais soubera. Naquela

madrugada, porém, estava imóvel diante de um besouro pousado na cortina.

O bicho não se movia, Ernesto também não.

Havia acordado às três e trinta e três para ir ao banheiro. Voltava para o quarto quando o viu pousado ali, pequeno, escuro, e parou. A primeira intenção foi chamar Tarsila, mas decidiu não fazê-lo. Estavam juntos há trinta e oito anos, e ela conhecia bem aquele medo. Durante tanto tempo, achara graça até. Depois aprendera a matar os monstros antes mesmo que Ernesto visse. Ele olhou para ela, que dormia tranquilamente e voltou os olhos para a parede. O besouro ali continuava. Procurou alguma coisa ao redor, viu o chinelo junto à cama e pensou que poderia pegar e golpeá-lo.

Não conseguiu.

Pensou por alguns segundos o que poderia fazer, até que percebeu: o besouro estava voltado para ele. Deu um passo para a esquerda. Esperou. Deu outro. A cabeça do inseto pareceu acompanhar.

— Que porra é essa?

Tarsila mexeu-se na cama, mas não acordou.

Ernesto manteve-se imóvel, o besouro também parou. Depois de alguns segundos, convenceu-se de que fora impressão. Besouros de verdade não acompanham pessoas com os olhos, talvez nem fossem capazes de enxergá-las daquela distância. Aproximou a mão do interruptor. O inseto abriu as asas, Ernesto recuou. A luz continuou apagada. Ficaram novamente, aquilo e ele, no escuro.

Ouviu-se um ruído muito baixo que não vinha das asas.

Aquele som era-lhe familiar.

O inseto voou rumo ao banheiro.

Ernesto caminhou até a porta sem tirar os olhos da parede.

CAPÍTULO 02 / 02 ARQUIVO LIBERADO

02

INSECTUM CORRUPTUM

Tudo começou trinta anos antes com o doutor Ícaro Fontoura, entomólogo que passara a juventude ajoelhado na lama da bacia do Rio Negro com pincéis de pelo de camelo.

Ícaro amava os besouros, catalogara centenas de espécies e aprendera a reconhecer famílias inteiras pelo desenho das antenas, pela curvatura das mandíbulas ou pelo brilho dos élitros sob a luz. Fascinavam-no os enormes *Macrodontia cervicornis*, com suas mandíbulas serrilhadas; os *Dynastes hercules*, absurdamente grandes e ornamentados, como se a natureza tivesse permitido a si mesma um momento de extravagância; os *Chrysina*, cujas carapaças metálicas podiam reluzir como ouro ou prata; e os *Acrocinus longimanus*, de patas desproporcionais e desenhos que pareciam pintados à mão. Havia ainda os pequenos, os discretos, os que passariam despercebidos sob uma folha e aqueles cuja beleza só se revelava através de uma lente. Ícaro apreciava todos. Fotografava, media, comparava, catalogava. Mas nenhum exercia sobre ele o fascínio do *Titanus giganteus*. Talvez porque o besouro-titã parecesse pertencer a um tempo anterior ao

homem. Negro, austero, brutal. Não precisava parecer extraordinário. Era.

Na escuridão dos troncos em decomposição, essa espécie se desenvolve. Alimenta-se do âmago da matéria orgânica em deterioração, nutrindo-se da própria morte da floresta para esculpir um corpo extraordinário. Emerge da madeira uma maravilha assustadora: um cerambicídeo capaz de atingir vinte centímetros de comprimento, protegido por uma carapaça de quitina negra e rígida como couro cozido, munido de mandíbulas poderosas o bastante para partir um lápis ao meio e de asas que produzem um silvo sibilante de advertência quando perturbado. A natureza levou milhões de anos de seleção implacável para aperfeiçoar o Besouro Titã. O Estado precisou de poucas décadas para decidir que poderia melhorá-lo.

Aos vinte e oito anos, na Guiana, Ícaro segurara pela primeira vez um besouro-titã verdadeiro e vivo. Lembra-se até hoje da sensação: o peso incomum do inseto na palma da mão, o calor sutil acumulado na carapaça, a vibração muscular que precedia o voo e o som das garras arranhando sua pele sem contudo perfurá-la. Era a vida em sua manifestação mais pura, bruta e indiferente às ambições humanas.

Quando os homens do recém-criado Departamento de Infraestrutura e Monitoramento o procuraram em seu pequeno laboratório, não estavam interessados apenas no que Ícaro sabia sobre besouros. Estavam interessados naquilo que os engenheiros não conseguiam reproduzir. Havia meses, uma equipe trabalhava na construção de pequenas máquinas capazes de voar, registrar imagens e alcançar lugares onde homens não podiam entrar. Os protótipos funcionavam. Voavam, pousavam, desviavam de obstáculos e retornavam ao ponto de origem. O problema era justamente esse:

pareciam máquinas executando tarefas. Moviam-se com precisão, corrigiam a rota depressa demais e permaneciam imóveis pelo tempo exato determinado pela programação. Mas qualquer pessoa que observasse uma delas por alguns segundos parecia saber do que se tratava. O intuito era inverso.

Por isso precisavam de alguém que conhecesse não apenas a anatomia dos insetos, mas seus movimentos, hesitações, reflexos e pequenos comportamentos aparentemente inúteis. Alguém capaz de explicar por que um besouro interrompe uma caminhada, move as antenas sem razão aparente, tropeça, limpa o próprio corpo, permanece imóvel e, subitamente, muda de direção. Foi assim que chegaram ao doutor Fontoura.

Os homens traziam pastas de couro com o selo dourado do regime e uma proposta irrecusável: ajudá-los a reproduzir a mecânica e, sobretudo, o comportamento do besouro em uma poderosa máquina. A justificativa inicial era atraente; nobre, até: missões de salvamento entre escombros de terremotos, localização de sobreviventes em desabamentos de minas, varreduras térmicas durante incêndios florestais e entrada discreta em cativeiros para localizar vítimas de sequestro.

Ícaro ouviu tudo com interesse, mas foi quando lhe mostraram o primeiro protótipo que deixou de prestar atenção aos homens. A pequena máquina atravessou a mesa em linha reta, parou diante de uma caixa de madeira, calculou o obstáculo e o contornou numa curva perfeita.

— Imagine uma lente que entra onde um homem não passa — diz um burocrata de terno escuro, ajustando os óculos. — Uma máquina com a camuflagem perfeita.

Ícaro aceitaria a missão. Afinal, conhecia o regime o bastante para saber que recusar um convite daqueles lhe traria problemas. Mas seria mentira dizer que é apenas o medo que o convenceu. A quantia oferecida fora extraordinária, muitas vezes superior a tudo o que conseguiria ganhar em anos de pesquisa acadêmica. Pela primeira vez, seu conhecimento sobre insetos parecia valer muito dinheiro. O medo tornou difícil dizer não; a ganância tornou fácil dizer sim.

O que lhe apresentaram como uma consultoria de alguns meses consumiria anos de sua vida. O entomólogo assinou termos de confidencialidade que o impediam até mesmo de mencionar a existência do projeto e passou a dividir os dias entre laboratórios sem identificação, campos de teste e reuniões com engenheiros que conheciam máquinas melhor do que conheciam animais. Aos poucos, deixou de catalogar espécies para catalogar falhas. Ensinava aos técnicos como um besouro pousava, como movia as antenas, como reagia a obstáculos, como se orientava no escuro e, sobretudo, como se comportava quando ninguém parecia observá-lo. A cada nova geração, havia menos natureza sobre sua bancada e mais metal, polímero e circuitos. Ainda assim, Ícaro continuava olhando para aquelas máquinas como um entomólogo.

O primeiro protótipo foi um fracasso quase cômico. O Titanus-1 tinha exatamente as dimensões do inseto verdadeiro: vinte centímetros de fibra de carbono, ligas de titânio e servo-motores analógicos. A apresentação aconteceu na sala de conferências do Ministério, diante de generais, cientistas e de um jovem e proeminente diretor administrativo chamado Júlio Rossini.

Doutor Fontoura ligou o terminal. O Titanus-1 vibrou sobre a mesa. As asas sintéticas abriram-se com um zumbido grave que lembrou o de

um liquidificador defeituoso. Decolou, oscilando no ar abafado do salão, varrendo a sala com um sensor térmico primitivo e pousando pesadamente sobre a pasta de documentos de Rossini e derrubando uma xícara de café. O diretor limpou a gota de café que espirrou em seu terno de linho, olhou para o monstro mecânico de vinte centímetros tiritando sobre a mesa e ergueu uma das sobrancelhas.

— O trabalho de engenharia é admirável, doutor. Mas me diga uma coisa: como exatamente o senhor pretende colocar um besouro do tamanho de um rato dentro da sala de um suspeito sem que ele o quebre com uma paulada no primeiro segundo?

Risos abafados ecoam.

O Titanus-1 foi encarado como um triunfo da robótica e uma piada operacional. O projeto, porém, não fora cancelado. Afinal, as verbas milionárias já empenhadas não seriam devolvidas. Começaria assim a verdadeira evolução darwiniana artificial. E se a natureza reduz espécies ao longo de eras pela escassez de alimento, o Estado reduz o Titanus pela exigência do segredo.

A segunda geração cortou o tamanho pela metade. A terceira substituiu as engrenagens de titânio por polímeros sintéticos flexíveis. A quarta eliminou os ruídos mecânicos, imitando a frequência de batimento de asas de insetos reais. A quinta introduziu a lente de safira sintética de foco dinâmico.

A cada redução de centímetro, um pedaço da fascinação científica original evaporou, substituído pela urgência do controle. E, conforme o aparelho diminuiu, a finalidade do projeto sofreu uma metamorfose. As operações de resgate em desabamentos foram arquivadas por “restrições orçamentárias” e a tecnologia passou para a Divisão de Segurança Interna. A justificativa mudou, mas continuou razoável no

discurso: Primeiro, criminosos de alta periculosidade. Depois, suspeitos de subversão. Em seguida sindicatos e dissidentes. Depois, jornalistas e críticos do regime.

E então veio o salto inevitável. Em uma tarde chuvosa de terça-feira, em uma sala sem janelas no subsolo do Ministério, um relatório de inteligência foi colocado sobre a mesa. O Titanus-6, agora com apenas cinco centímetros, já era capaz de entrar por frestas de portas e transmitir conversas inteiras com clareza cristalina.

Um subsecretário de defesa apoiou os cotovelos na mesa, olhou para o protótipo e fez a pergunta que muda o destino da obra:

— Se conseguimos fazê-lo observar qualquer ambiente sem ser notado... por que limitar a função do aparelho a olhar?

O silêncio caiu sobre a sala.

Não havia vilões gargalhando ou discursos sórdidos sobre tirania; apenas homens civilizados de terno, tomando água com gás e avaliando a eficiência burocrática.

— Uma intervenção direta evitaria o custo político de um julgamento público — pontuou um dos analistas. — Evitaria mártires. E comoção na imprensa.

— Estamos falando de um mecanismo de ataque? — pergunta Fontoura após secar uma gota de suor que escorria pela testa. — Isso viola a carta de fundação do laboratório.

Júlio Rossini, agora ocupando uma cadeira sênior no Conselho de Segurança, juntou as mãos sobre a mesa. Não olhou para Fontoura, mas para a minuta do decreto.

— Não chamaremos de ataque, doutor. Chamaremos de neutralização passiva de emergência. Pense em uma micro-seringa abdominal. Carga útil de um miligrama de toxina paralítica. O

indivíduo dorme e não acorda. O laudo da autópsia indica colapso cardiorrespiratório agudo. Sem dor, traumas ou marcas na pele. Uma neutralização completamente limpa.

— Isso é assassinato — murmura Ícaro.

— Manutenção da ordem pública sem derramamento de sangue nas ruas — corrige Rossini, deslizando a caneta-tinteiro pela folha e assinando a autorização de verba extra para a divisão ofensiva. — O senhor prefere tanques na avenida ou uma parada cardíaca discreta de madrugada?

Fontoura não respondeu. E não se demitiu. Afinal, ninguém se demitia do Programa Titanus; apenas aceitava o próximo orçamento e tentava convencer a si mesmo de que a ciência é neutra e que, vale tudo para manter a ordem na Nova República. Porém, a partir daquele dia, a culpa passou a pesar como um fardo.

Foi nesse ponto de inflexão moral que surgiu a figura que transformaria o laboratório em um canil de caça: Lucas Brandão. Fontoura nunca fora com a cara do jovem que chegara à equipe no início dos seus vinte anos, ostentando a arrogância dos prodígios da tecnologia e um desprezo indisfarçável pela entomologia e pela ética acadêmica. Para o jovem cientista, o besouro de Ícaro não passava de um chassi biológico primitivo aguardando uma inteligência implacável. Onde o cientista via biologia e assombro, o prodígio enxergava apenas a superfície de ataque da vulnerabilidade humana.

Sem qualquer hesitação moral, Lucas ridicularizava as dúvidas de Fontoura, tratando os dilemas do velho cientista como fraquezas de um sistema desatualizado. Não buscava a aprovação dos pesquisadores, mas a atenção dos generais e ministros. Fora Lucas quem convencera a cúpula do regime de que a observação passiva era

perda de tempo e que a vigilância precisava ser predativa, ativa e impiedosa.

Sob a liderança técnica do especialista em segurança, a engenharia dera o salto definitivo e chegara ao Titanus-7. O prtotótipo tinha aproximadamente três centímetros de comprimento, de um negro fosco absoluto, absorvendo a luz em vez de refleti-la. Suas pernas biomiméticas aderiam a vidro, mármore, gesso e madeira. As asas de polímero maleável dobravam-se sob a carapaça sem deixar vincos. Podia entrar por frestas, esconder-se nas juntas, permanecer estático durante quarenta e oito horas em modo de espera e transmitir áudio e vídeo criptografados para repetidores a quilômetros de distância.

Seu nome tornara-se a última e mais terrível ironia: a máquina ficara tão poderosa justamente porque tornara-se minúscula. A diferença entre o inseto da floresta e o bicho do Estado era agora total e irreversível. O besouro verdadeiro na Amazônia buscava madeira morta, seiva e um parceiro para perpetuar a espécie, ignorando completamente o homem. O microdrone buscava fraquezas, segredos, deslizes verbais e o momento de solidão vulnerável da vítima.

Na natureza, se um inseto entra pela janela, trata-se de acidente, uma aleatoriedade. Na Nova República, se um espécime voador invade um ambiente, alguém o enviou. E a engrenagem, uma vez colocada em movimento sob a batuta de Lucas, não parara nas vítimas de baixo. O Congresso, que construíra olhos de metal para vigiar a população nas favelas e nos cortiços, descobrira o fascínio de usar a mesma ferramenta dentro de casa. Ministros começaram a enviar o inseto-robô para os gabinetes de outros ministros, secretários passaram a espionar seus chefes, juízes vigiaram colegas de tribunal, parlamentares colecionaram conversas de adversários e empresários

descobriram que certos segredos valiam mais do que contratos públicos. Em pouco tempo, ninguém no alto escalão sabia ao certo quando estava sozinho. Uma reunião a portas fechadas já não significava privacidade; um quarto de hotel deixara de ser território neutro; até uma conversa entre marido e mulher podia acabar arquivada em algum servidor clandestino. A máquina criada para tornar transparente a vida dos governados fizera sua última conquista: tornara quase invisível também a vida dos governantes. Lucas acumularia gravações secretas de todo o Conselho de Segurança em seu servidor privado. E a vigilância panóptica devoraria seus próprios criadores.

Hoje, um homem de sessenta e cinco, o doutor Ícaro Fontoura caminha sozinho pelo laboratório deserto da Divisão de Pesquisa Biomimética. O silêncio do recinto é quebrado apenas pelo zunido baixo do ar-condicionado. Sobre a bancada de trabalho, dois objetos colocados lado a lado. À esquerda, dentro de uma caixa hermética de cristal, repousa o espécime empalhado de um *Titanus giganteus* verdadeiro que Ícaro trouxera de sua última expedição à Guiana, trinta anos antes. Casca áspera, mandíbulas imponentes, pernas espinhosas e uma presença física esmagadora. Assustador, rústico e pré-histórico. À direita, pousado sobre uma placa de circuito impresso, o Titanus-7. O cientista se aproxima e observa os dois.

O besouro de vinte centímetros da floresta parece um gigante de um mundo esquecido, mas Ícaro sabe que aquele animal de verdade nunca matou ninguém. O pequeno fragmento negro de três centímetros ao lado, no entanto, traz em seu banco de dados a assinatura de dezenas de “paradas cardíacas espontâneas” de homens que ousaram sussurrar contra o governo em quartos fechados.

Sua mão treme ao alcançar um par de pinças. Nesse instante, sem qualquer comando emitido pelo terminal sobre a mesa, as duas semiesferas de safira sintética na cabeça do inseto estatal emitem um brilho sutil, azulado e frio. A cabeça diminuta da máquina gira lentamente três milímetros para a esquerda. Os olhos digitais ajustam o foco e se cravam diretamente no rosto do entomólogo. Fontoura dá um passo atrás na penumbra do laboratório. O suor frio escorre pelo pescoço quando ele compreende, no absoluto silêncio da sala, a mais pavorosa das verdades: nunca mais terá paz.

— FIM DA TRANSMISSÃO —



CANAL PROTEGIDO DA RESISTÊNCIA

GOSTOU DO QUE LEU?

Me conte no direct do Instagram o que achou destes capítulos e se você gostaria de ler a sequência completa.

ENVIAR DIRECT PARA @paulo.maccedo

instagram.com/paulo.maccedo

RIOTOPIA · PAULO MACCEDO
riotopia.com.br